

UM POUCO DE MÚSICA

27. A MÚSICA NO BRASIL VISTA POR DARIUS MILHAUD (1920)

É lamentável que todos os trabalhos de compositores brasileiros desde as obras sinfônicas ou de música de câmara de Nepomuceno e Oswald até as sonatas impressionistas ou as obras orquestrais de Villa-Lobos (um jovem de temperamento robusto, cheio de ousadias) sejam um reflexo das diferentes fases que se sucederam na Europa de Brahms a Debussy e que o elemento **nacional** não se exprima de maneira mais viva e mais original. A influência do folclore brasileiro, tão rico de ritmos e duma linha melódica tão particular, faz-se sentir raramente nas obras dos compositores cariocas. Quando um tema popular ou o ritmo de uma dança é utilizado numa obra musical, esse elemento indígena é deformado porque o autor o vê através dos olhos de Wagner ou de Saint-Saens, se ele tem sessenta anos, ou dos de Debussy, se tem apenas trinta. Seria desejável que os músicos brasileiros compreendessem a importância dos compositores de tangos, de maxixes, de sambas e de cateretês como Tupinambá ou o genial Nazareth. A riqueza rítmica, a fantasia indefinidamente renovada, a verve, a vivacidade, a invenção melódica de uma imaginação prodigiosa, que se encontram em cada obra desses dois mestres, fazem deles a glória e a preciosidade da Arte Brasileira. Nazareth e Tupinambá dominam a música de seu país como essas duas grandes estrelas do céu austral (Centauro e Alfa do Centauro) dominam os cinco diamantes do Cruzeiro do Sul.

(Darius Milhaud, *Brésil*, em "La Révue Musicale", nº 1, nov. 1920, apud Wisnik, José Miguel — *O coro dos contrários: a música em torno da Semana de 22*, p. 45. São Paulo, Duas Cidades/Secretaria da Cultura, 1977).

*

"UN CHE FA VERSI..."

"Un che fa versi... e promette molto" — eis como Fléville apresentou o jovem poeta André Chénier no aristocrático e requintado salão da Condessa de Coigny, logo no início da conhecida ópera de Umberto Giordano. Estava-se nos estertores do "Ancien Régime", quando toda a França era como um vulcão já entrado em erupção, tomando instáveis estruturas sociais que predominavam havia séculos. Poeta revolucionário, eis como de início se revela o jovem e galante Chénier e como o demonstram os versos que, a pedido, declama em louvor do amor, não o amor como o esperavam seus gentis e aristocráticos ouvintes, mas o amor à